

# **O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA: ESTUDOS DE A. R. LÚRIA E L. S. VYGOTSKY**

Ana Carolina Rosendo Gonzalez C. Baptista

Edileusa Lopes de L. Alves

Kátia Garcia

Vanessa Leite\*

## **INTRODUÇÃO**

O presente artigo tem como proposta apresentar algumas contribuições teóricas da pesquisa de Vygotsky e Lúria sobre o desenvolvimento da linguagem escrita. Para os que são leigos a respeito do assunto, tem-se a idéia de que a linguagem escrita apenas surgirá quando a criança ingressar na escola. Mas, segundo os estudos e pesquisas de Lúria, um dos seguidores de Vygotsky, a criança tem uma história, uma origem fora da escola. Esta história de cada indivíduo tem grande peso no desenvolvimento da escrita, e também, do ser humano como um todo, pois todos os períodos vivenciados pela criança servirão de base para formação de um ser que se completa a cada dia. Relatamos, então, fundamentados em Vygotsky e Lúria, como se desenvolve o processo de aquisição da linguagem escrita e seus precursores, isto é, os gestos e os signos visuais, o brinquedo e o desenho, destacando a importância do signo, e apontando implicações desses elementos à prática pedagógica.

### **O processo de aquisição da linguagem escrita: estudos de A. R. Lúria e L. S. Vygotsky**

O aprendizado da linguagem escrita representa um novo e considerável salto no desenvolvimento da pessoa. O domínio do sistema complexo de signos fornece novos instrumentos de pensamento, na medida em que aumenta a capacidade de memória e registro de informações. Enfim, promove modos diferentes e ainda mais abstratos das pessoas se relacionarem com outras e com o conhecimento.

Vygotsky faz importantes críticas à visão, presente na psicologia e na pedagogia, que considera o aprendizado da escrita apenas como habilidade motora. Ensina-se as crianças a desenhar

---

\* Alunos do terceiro semestre de Pedagogia das Faculdades Integradas do Vale do Ribeira – SCELISUL. Trabalho orientado pela Professora Ms. Flávia da Silva Ferreira Asbahr, na disciplina Psicologia da Educação III.

letras e construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito que se acaba obscurecendo a linguagem escrita como tal. (VIGOTSKI, 1984. p.119.)

Para Vygotsky, o aprendizado da escrita é um processo complexo que é iniciado para a criança “muito antes da primeira vez que o professor coloca um lápis em sua mão e mostra como formar letras”. (Vygotsky L.S., et al . 1988 p.143).

A linguagem escrita, a qual Vygotsky se refere, é um sistema de símbolos e signos, denominado pelo autor como simbolismos de segunda ordem, isto porque, para se chegar neste, a criança passa antes pelos simbolismos de primeira ordem que são o gesto, o brinquedo, o desenho e a fala.

Cada um destes desempenha um papel fundamental no processo de aquisição da linguagem escrita, como veremos a seguir:

### **1. Gestos e Signos Visuais**

O gesto é signo visual inicial que contém a futura escrita da criança. Os gestos são a escrita no ar, e os signos escritos são, frequentemente, simples gestos que foram fixados. É mencionada, ainda, a ligação entre os gestos e a escrita pictográfica ou pictoria, e mostra que os gestos figurativos denotam simplesmente a reprodução de um signo gráfico, por outro lado, os signos são a fixação de gestos. Existem momentos em que os gestos estão ligados à origem dos signos escritos. Um deles é o rabisco das crianças. Elas usam a dramatização, demonstrando por gestos o que deveriam mostrar por desenho, os traços constituem somente um suplemento dessa representação gestual. Ao desenhar conceitos complexos ou abstratos, as crianças comportam-se da mesma maneira. Elas não desenhavam, elas indicam, e o lápis apenas auxilia a representação do gesto indicativo.

### **2. O Brinquedo**

A segunda fase que une os gestos à linguagem escrita é a dos jogos das crianças. Para elas, alguns objetos podem de pronto denotar outros, substituindo-os e tornando-se seus signos. Não é importante o grau de similaridade entre as coisas com que se brinca e o objeto denotado, o mais importante é a utilização de alguns objetos como o brinquedo e a possibilidade de executar com eles um gesto representativo. Essa é a chave de toda função simbólica do brinquedo das crianças. O próprio movimento da criança, seus próprios gestos é que atribuem a função de signo aos gestos e lhe dão significado. Toda atividade representativa é plena destes gestos indicativos. A representação

simbólica no brinquedo ocorre quando a criança pega um objeto e com ele desenvolve uma atividade imaginária que gostaria de realizar de fato, mas que naquele momento era impossível. Por exemplo, o garoto transforma uma cabo de vassoura em um cavalo e sai com ele galopando.

### **3.O Desenho**

O desenho começa quando a linguagem falada já teve grande progresso, pois esta auxiliará na interpretação dos desenhos que as crianças fazem. Primeiramente, as mesmas desenham apenas de memória, não desenham o que vem, mas sim o que conhecem, e estes desenhos têm por base a linguagem verbal, que é o primeiro estágio do desenvolvimento da linguagem escrita. Os desenhos não são feitos de forma mecânica. Neste estágio, o escrever não ajuda a criança a lembrar do que fez, a criança ainda não desenvolveu uma função mnemônica. Nos seus experimentos, Lúria constata que quando a criança fala e anota, na hora de ler lembra-se menos da sentença, do que se não tivesse escrito, pois nesta etapa a criança não faz o mínimo esforço para se lembrar, confiando totalmente nas suas anotações que se encarregariam da recordação. Em outro experimento, quando a criança se lembra de todas as sentenças, isto ocorria independentemente dos esforços gráficos, ou seja, isto acontece porque a criança mobiliza todos os expedientes da memória mecânica direta, sendo que nenhum destes é encontrado na escrita. A criança fixa e relembra, não registra para depois ler, os rabiscos não são utilizados, pois ainda neste estágio seus esforços gráficos não constituem uma escrita ou mesmo um auxílio gráfico, e sim desenhos independentes da tarefa de auxílio na recordação. A escrita ainda não é utilizada como um instrumento a serviço da memória. Porém, em outro experimento, totalmente contraditório aos anteriores, a criança consegue fazer associação da sentença ditada com o rabisco, que começa a servir como signo auxiliar, ou seja, esta criança empregou uma forma primitiva da escrita, em que esta consegue expor suas idéias por meio de desenhos ou figuras simbólicas contendo um significado pessoal. Este é o elemento inicial, que mais tarde se tornará a escrita.

### **SIGNO**

O primeiro estágio de signo é o signo gráfico primário não diferenciado, ou seja, não é um sistema simbólico que desvende o significado do que foi anotado e também não pode ser chamado de signo instrumental no sentido integral da palavra. A marca primitiva é completamente diferente, mostra apenas que algum conteúdo por ela anotado existe, mas não mostra como chegar a tal resultado.

O signo tem como finalidade representar a nossa fala, e não o mundo material. Por exemplo, quando escrevemos a palavra MAÇÃ, estamos representando o que falamos, quando a maçã esta desenhada imediatamente nos vem à imagem real dela.

Para que o desenvolvimento da linguagem escrita torne-se estável e independente do número de elementos anotados, deve-se desenvolver este signo, e a memória terá ganho um poderoso instrumento, que tornará a escrita objetiva

A criança tende a passar por um momento de transição em que os signos primários diferenciados tornam-se signos com significados particulares, ou seja, altera a função psicológica do signo. Quando isto acontece, a criança começa a desenhar conceitos culturais. Existe, porém, um momento em que a escrita não é consciente e organizada, ela é um mecanismo primitivo feito por impulso.

A primeira diferenciação rítmica na escrita da criança ocorre quando ela percebe que cada palavra tem seu próprio ritmo e que deve ser refletido antes de ser registrado. O ritmo de uma sentença reflete-se na atividade gráfica da criança, na qual muitas vezes encontramos rudimentos adicionais, que não foram invenções da criança, mas um complemento do ritmo da sugestão. Porém, ainda são muito fracos e pobres os traços da diferenciação da primitiva atividade gráfica. Embora a criança consiga descrever ritmicamente não está apta a marcar um conteúdo que lhe for apresentado graficamente. Neste ponto, é necessário que ela passe a refletir não apenas o ritmo externo das palavras, mas também seu conteúdo, é quando o signo começa a ter significado.

O fator número e forma são importantes para a percepção nesta transição da escrita mecânica para a diferenciada. Lúria, em seus experimentos com crianças de 4 a 5 anos, constatou que para demonstrar quantidade em seus desenhos elas usavam um forte contraste nos rabiscos. Tendo observado este fator, a escrita pode ser consideravelmente acelerada. Em alguns casos estudados, percebe-se que quando a criança quer expressar cor, forma ou tamanho, seus desenhos tinham uma semelhança grosseira com a pictográfica primitiva. Através destes fatores, a criança chega à idéia de usar o desenho como meio de recordar e pela primeira vez o desenho começa a convergir para uma atividade intelectual complexa, este passa de simples representações para um meio mnemônico, assim transformando-se um instrumento poderoso para a primeira forma de escrita diferenciada.

Quando a criança começa a elaborar seu próprio sistema de marcas expressivas, a brincadeira transforma-se em uma escrita elementar e assim atinge o limite da escrita pictográfica.

Por volta de cinco, seis anos, a escrita por imagens está plenamente desenvolvida na criança e começa a dar espaço para a escrita alfabética simbólica.

A escrita pictográfica baseia-se no experimentados desenhos infantis, inicialmente o desenho é uma brincadeira depois torna-se um meio para o rabisco. A criança adota este tipo de escrita com muita facilidade, porém, o que distingue a escrita do desenho é a relação que a criança faz como um recurso a seu favor.

Quando uma criança que escreve por meio de figuras e precisa registrar algo difícil de expressar, ela pode se recusar a fazer ou buscar outra forma para tal, e então, ela começa a desenhar objetos que se relacionem, ou faz uma marca arbitrária no lugar do objeto, estes caminhos levam a escrita simbólica, a criança cria sua forma própria de contornar o problema por meio de uma situação global.

Quando a escrita começa a ter um significado simbólico, este se transforma em um significado funcional, assim a criança passa a refletir sobre o que deve anotar, ela compreende que pode usar signos para escrever qualquer coisa, mas não entende como fazê-lo. Torna-se inteiramente confiante em sua escrita, mas não sabe como usá-la. Entra, assim, em um período de compreensão da escrita alfabética.

Em testes feitos, constata-se que quando a criança revela habilidade para escrever neste período não significa necessariamente que compreende o processo da escrita, ou seja, a criança apresenta uma falta de compreensão do mecanismo da escrita alfabética, este que persistira por muito tempo.

Esta fase de transição de desenvolvimento ulterior da alfabetização envolve a assimilação de mecanismo da escrita simbólica culturalmente elaborada.

Percebe-se que o desenvolvimento da linguagem escrita é feito de forma dialética em que a criança retorna gradativamente ao estágio anterior, mais sempre, seu nível de desenvolvimento atinge um novo grau de compreensão, e este desenvolvimento expressa as formas complexas de comportamentos sociais, que é, segundo Lúria, o mais inestimável instrumento da cultura: “Não é a compreensão que gera o ato, mais é muito mais o ato que produz a compreensão” (LURIA, 2001, p.188)

### **Considerações Finais: Implicações Práticas**

Toda a teoria a respeito deste assunto é de grande importância quando se trata diretamente da criança e de todo o processo de seu desenvolvimento. Os estudos e as experiências de Lúria devem ser profundamente considerados, pois, a sua contribuição à área pedagógica é de grande valor. Estes estudos e experiências trazem luz ao analisarmos as crianças que estão aprendendo a escrita.

Também é considerável auxílio na questão afetiva, de relacionamentos, com o aluno, pois não mais censuraremos seu trabalho, muito pelo contrário, daremos apoio e abertura necessária para que criança prossiga sua “atividade” sem constrangimentos. Atuaremos, ainda, na zona de desenvolvimento próximo, possibilitando à criança, uma continuidade, ou seja, um desenvolvimento contínuo, progressivo.

### **Referências Bibliográficas**

VYGOSTSKY, L. S. Formação Social da Mente. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1988.

VYGOTSKY, L.S.;LÚRIA, A.R.; LEONTIEV, A.N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. 9ª edição. São Paulo: Editora Ícone, 2001.

REGO, T. C. Vygotsky: uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1997.